

## NATAL – O NASCIMENTO DO MESSIAS O PRESÉPIO: MEMÓRIA E RECONHECIMENTO DO MESSIAS<sup>1</sup>

### 1. Breve visão histórica

O fato de se falar que São Francisco fez o primeiro presépio deve-se a um presépio vivo que realizou, dentro do espírito de restaurar a Igreja, convidando os doentes e pobres da região e, com eles celebrou o mistério do Deus-Conosco na Igreja de São Damião.

A primeira representação do Presépio está num sarcófago do Museu de Termas, em Roma: Uma árvore, indicando cabana, um pastor que medita apoiado num bastão, um rústico coche com folhas onde é colocado o Menino envolto em faixas. Inclinação sobre ele, as cabeças do burro e do boi. Este sarcófago é de 325 dC, portanto, do século IV. Nesta época foi criada a liturgia do Natal. Em Roma esta festa é já celebrada em 336, substituindo a festa do deus-sol, ao redor do solstício de inverno. Nesta representação não estão presentes Maria nem José, nem existem anjos nem estrelas. Nenhuma gruta protege o pequeno Menino do inverno e do sol. Recorde-se que estão presentes as figuras do boi e do burro.

### 2. As imagens-símbolo

**a) O boi e o burro.** Até o século VI e VII as representações do presépio sempre tinham a presença do boi e do burro. Quando, por razões de espaço se reduz aos elementos essenciais, o par de animais está sempre presente. Um sarcófago de Milão representa a cobertura do estábulo, e estão somente as figuras do Menino, do coche, do boi e do burro. Numa medalha de ouro descoberta em Adana encontramos uma versão ainda mais concisa do Mistério Natalino: o Menino, o coche, os animais e a árvore que recorda o campo. Maria aparece em outras cenas: Anunciação, visita a Isabel, fuga ao Egito, chegada dos Magos. No sarcófago de Santo Ambrósio, Milão, aparece o Menino que dorme num coche, ladeado por dois animais sentados simetricamente. Não há outras testemunhas do nascimento de Cristo. Em síntese, podem faltar os magos ou os pastores, estrelas ou anjos, gruta ou estábulo. Falta São José e, por surpresa nossa, falta Nossa Senhora. Ou quando aparece, ocupa uma posição aparentemente secundária. Mas os animais nunca faltam.

Os Evangelhos não falam deles de modo satisfatório, pois se poderia colocar outros ou mais animais. A presença contínua do boi e do burro nasce de finalidades simbólicas, correspondendo a uma interpretação patrística de duas profecias: Isaias 1,3: “*conhece o boi o seu patrão e o burro o estábulo de seu dono*”. Habacuc 3,2: “*em meio a dois animais Te manifestarás*”.

Os Padres da Igreja deram a estas citações um sentido messiânico e as colocaram em relação com o estábulo de Belém. Remonta ao II século. Os animais são um símbolo do reconhecimento do Messias, um símbolo de significado profundo. O boi é o povo de Israel que levou o jugo da Lei; o burro, animal de carga, é o povo gentio, carregado de pecados de idolatria: desses dois povos nasceu a Igreja que reconhece o Senhor.

O burro e o boi significam, portanto, os dois componentes originais da Igreja: a Igreja dos Gentios e a Igreja dos Circuncidados. São, portanto, belos símbolos eclesiais.

---

<sup>1</sup> As idéias que seguem estão baseadas em sua maioria, no livro de Cláudio PASTRO, **Arte Sacra – O Espaço Sagrado Hoje**. São Paulo: Ed. Loyola, 1993, p.224-233

### **b) Os pastores e os magos.**

Os magos (Mt 2,2) do Oriente, conduzidos por uma estrela, são um claro simbolismo de convocação universal à salvação. É esta a vocação dos gentios.

Os pastores de Belém, aos quais os anjos anunciam o nascimento do Messias Salvador (Lc 2,10ss) são símbolo da convocação dos judeus. Portanto, como diz Santo Agostinho, “do mesmo berço do seu nascimento se manifestou Cristo àqueles que eram vizinhos (próximos) e àqueles que se achavam longe: aos judeus nos vizinhos pastores, aos gentios nos magos distantes”.

Os magos, provenientes dos gentios, e os pastores, provenientes do povo de Israel, adquiriram na arte primitiva o mesmo simbolismo do boi e do burro. Ao redor do IV século aparece um novo esquema natalino no qual, além do boi e do burro, estão presentes os pastores e os magos. Nas palavras de Santo Agostinho, “neles (pastores e magos) começou o boi a reconhecer o seu patrão e o burro a conhecer o estábulo de seu senhor”. Assim temos numa bela linguagem de imagens a realidade misteriosa de uma Igreja, única e unida, formada por duas modalidades de uma mesma vocação.

Portanto, com os pastores de Lucas e os magos de Mateus, com o boi e o burro de Isaías e de Habacuc, os antigos artistas cristãos criaram a imagem do presépio que é símbolo conquistado da Igreja reunida junto ao berço do Senhor. Se separaram a Mãe do Filho, fizeram-no para circundar o estábulo do recém-nascido com os símbolos proféticos que apresentam Cristo como Messias Salvador da Igreja Universal: aquela que vem dos judeus, mas também dos gentios. Por isso, o conteúdo do presépio é um dado dogmático: o Filho de Deus, estendido na manjedoura, se torna centro da História Salvífica do Homem.

### **c) A manjedoura – altar**

Nas últimas manifestações da iconografia paleocristã ocidental, o esquema mudou: no lugar dos dois grupos simétricos – pastores e magos – foram representados Maria e José. O burro e o boi conservaram, contudo, seu lugar habitual. Numa representação do V século, conservada em Milão, os animais simbólicos se inclinam sobre o Menino estendido sobre a palha; Maria, sentada à direita da manjedoura, aparece com vestes de matrona; José, representado como um jovem operário, tem na mão um serrote de carpinteiro. A manjedoura é feita de tijolos e passa a ser importante na representação natalina da época. Em tardias píxides de marfim conservadas em Berlim e Viena, o bloco de pedra já é altar, cuja mesa é cavada como uma bandeja, sobre a qual está depositado o Menino. Alguma representação posterior coloca Maria vestida de púrpura, repousando sobre um rico acolchoado; o Menino, envolto, também em faixas de púrpura, repousa sobre o altar. A púrpura, atributo imperial, significa que Maria, a Mãe de Deus, deu à luz o Filho de Deus, o salvador, o Rei do Universo.

### **d) Simbolismo eucarístico**

A permanência destes símbolos é porque significam um simbolismo dogmático. A presença do altar nas cenas da natividade, segundo alguns autores, significa a ligação entre a Encarnação de Cristo e a sua morte sacrificial, simbolismo eucarístico. Belém significa “Casa do Pão”. São Jerônimo escreve que São Paulo, quando entrou na gruta teria exclamado: “*Te saúdo, Belém, casa do pão, na qual nasceu o pão descido do céu*”. Os Padres da Igreja associaram o Menino e o “Pão da Vida” na imagem do feno. Santo Ambrósio diz: “o boi reconhece o seu proprietário e o burro o estábulo de seu patrão”. Ainda, “aquele povo que antes se alimentava com o feno miserável, agora recebe o pão que desce do céu”.

Cirilo de Alexandria diz que “Jesus foi colocado na manjedoura a fim de que nós, deixando a nossa vida de animais, voltássemos para a razão, que é própria dos homens; aproximando-nos da mesa de seu estábulo não encontrássemos mais o feno, mas o pão descido do céu: o corpo da vida”. O feno do cocho, o pão da ceia e a vítima da cruz se fundem, dando vida a um sinal de grande profundidade teológica. Por trás da figura do burro e do boi existe a Igreja, aquela que vem da circuncisão e aquela que vem dos gentios; uma Igreja – e nela nós estamos agora – que se alimenta do feno misterioso da carne de Deus, da eucaristia.

### **3. Conclusão**

Neste percurso histórico e simbólico das figuras e símbolos do presépio revela-se uma grande mensagem que ultrapassa o romantismo e o sentimentalismo. Trata-se do reconhecimento de Jesus Cristo que nasce como sendo o Messias. A ele recorremos como força salvífica, como luz. Natal é festa de Luz. E Jesus é Luz e salvação para toda a humanidade, para os próximos e para os distantes, para todos os seres humanos, para todos nós e para cada um de nós. O nascimento de Jesus é o grande presente de Deus à humanidade.

Assim, com toda intensidade podemos compreender e dizer: “Feliz Natal”.

*Ir. Paulo Dullius*